

SÍNTESE BIOGRÁFICA de MANUEL FERREIRA PATRÍCIO

Maria Emília Apolinário
31 de Janeiro de 2023

I. INTRODUÇÃO

MANUEL FERREIRA PATRÍCIO nasceu a 23 de Setembro de 1938, na vila de Montargil, concelho de Ponte de Sôr, distrito de Portalegre.

O seu percurso académico e profissional foi talhado a pulso de vontade e esforço pessoais, pautado pela riqueza e diversidade, ainda que coerente e congruente. Na verdade, escolheu a Educação para ser o seu mundo, o mundo da sua intervenção na vida, quer profissional quer intelectualmente. Desde muito cedo lhe surgiu o interesse pela cultura, pela música, pela filosofia, pela poesia, pelo romance, pela intervenção social e cívica.

Durante cerca de cinquenta anos em que se dedicou à vida pública manteve-se fiel a dois grandes eixos da existência humana: o das coisas práticas, concretas e terrenas, a par do gosto pelas temáticas mais intelectuais e espirituais, colocadas na ordem do ideal.

Toda a sua vida, acção e obra exprimem a sua preocupação nuclear com a fundamentação filosófica do agir humano, sob todas as suas formas, com realce para o agir *antropagógico*, cuja teoria conceptual o próprio soube construir com clareza e rigor; isto é, a defesa da formação integral do homem, no sentido humanista personalista.

Sampaio Bruno mostrou-lhe com clareza que a verdadeira *paideia* não pode deixar de ser *demopaideia*; ou seja, a preocupação com a educação do povo e a convicção de que é possível melhorar a sociedade e contribuir para instaurar uma sociedade mais justa, mais livre, mais fraterna, mais culta, através da Educação. Esta ideia vinha de trás, de Platão da *Politeia* e de Coménio da *Didáctica Magna*.

Pedagogia, Educação e Filosofia são, por conseguinte, os três grandes pilares que enformam as especulações originais de Manuel Ferreira Patrício. A sua constelação teórica foi alimentada pela seiva de mestres de grande estirpe, onde se destacam: Platão, Jan Amós Coménio, Padre António Vieira, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, Leonardo Coimbra, Almada Negreiros, José Ortega y Gasset, Delfim Santos, Padre Manuel Antunes e Agostinho da Silva.

Manuel Ferreira Patrício ensinou e marcou muitas gerações de portugueses nos vários graus de ensino e aí, tal como no desempenho de diversas outras funções, empenhou-se em ser um “*obreiro do humano*”, porque o seu amor a Portugal e aos portugueses foi, e foi para sempre, inequívoco.

II. SÍNTESE BIOGRÁFICA

Na sua terra natal, Manuel Ferreira Patrício frequentou e completou o ensino primário, passando no exame da 4.^a classe com distinção. Estudou no Seminário de Vila Viçosa durante 4 anos, onde se iniciou no decisivo latim e na formação musical. Com doze, treze, catorze anos ouvia compositores clássicos e dominava o solfejo entoado com facilidade. A partir daí autodidacta na música, estudou e aprendeu muito para além do que lhe foi ensinado, pois em certos aspectos (teoria da música, harmonização e composição) atingiu um rigor quase de nível profissional. Iniciou-se também na poesia e na criação poética, com poemas que seriam depois declamados pelos seus dois irmãos, mais novos, em festas escolares.

Após a conclusão do 5.º ano liceal, que frequentou no Colégio de Ponte de Sôr, já saído do Seminário ingressou na Escola do Magistério Primário de Évora, onde fez o respectivo Curso nos anos de 1957 a 1959.

Logo no primeiro ano do Magistério foi escolhido para a área cultural como Presidente da Comissão Cultural e Director do jornal *O Leme*, onde contava com a colaboração como Subdirectora da colega Maria Rosa Colaço, uma amiga para a vida.

Manuel Patrício iniciou a sua actividade como professor do ensino primário na Escola n.º 142 de Lisboa, na Rua Actor Vale, carreira onde permaneceu entre Outubro de 1959 e Fevereiro de 1967. Ali vivenciou uma experiência rica e dinâmica, pela partilha com colegas de excelente qualidade profissional e pessoal, em particular aquela que a si mesma se intitulou a sua mãe de Lisboa, D. Judith Vieira, e onde veio a conhecer Irene Lisboa e outras figuras da 1.ª República, protagonistas destacados no Movimento da Escola Nova.

Neste contexto, torna-se autor do *Livro de Leitura da Segunda Classe*, que veio substituir o anterior livro único, tarefa para que foi oficialmente convidado e para a qual lhe foi atribuída dispensa das aulas durante um pouco mais de um ano. Em parceria com Judith Vieira escreve a maior parte dos textos e compõe três ou quatro canções (uma por cada estação do ano e uma dedicada às férias), notadas em pauta. Na obra participa também o inspector José da Silva Graça, cabendo a ilustração a Maria Keil e Luís Filipe de Abreu.

A par da docência, a sua grande paixão era a música. Em casa gravava música clássica e ouvia-a quotidianamente. Era um regular apreciador de Festivais de Música que passavam pelo Coliseu de Lisboa e de Ópera no Teatro Nacional de São Carlos.

Em 1965 frequenta na Fundação Calouste Gulbenkian o Curso de Educação Musical dirigido por Edgar Willems e o Curso de Prática e Regência de Canto Coral dirigido por Michel Corboz. Nesse mesmo ano, a convite do maestro e compositor Fernando Lopes Graça, substituiu-o durante alguns meses na direcção do Coro da Academia de Amadores de Música.

Mesmo não tendo por objectivo principal seguir uma carreira na área da música, chegou a fazer crítica musical, que publicava normalmente no suplemento literário do *Jornal do Comércio*, dirigido por Álvaro Salema.

Estes anos a trabalhar em Lisboa permitiram-lhe, simultaneamente, frequentar a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde viria a concluir a Licenciatura em Filosofia.

Partilhou a sua primeira residência em Lisboa com Custódio Magueijo, verdadeiramente um amigo-irmão até ao fim das suas vidas. Com ele aprendeu a língua grega, tão necessária para ingressar na Universidade, beneficiando sempre da sua imensa cultura clássica greco-latina.

Tinha o gosto especial pelos cafés de Lisboa, frequentados por universitários e onde pontuavam figuras conhecidas da intelectualidade portuguesa e com os quais passava algumas horas de tertúlia literária. Na Pastelaria Bocage eram visitantes diários José Gomes Ferreira, João José Cochofel, Augusto Abelaira, Carlos Oliveira e Mário Dionísio. Partilhava a tertúlia juvenil com os seus colegas universitários de então: Armando Silva Carvalho, Maria Manuela Fernandes Ferreira, António Rego Chaves, João Carlos Passos Valente, Saul Nunes, Francisco António Carvalho.

No Café Império encontrava-se amiúde com o seu grupo. Ao lado, no Cinema Império assistia a filmes de Bergman nas tardes clássicas. Fellini, Antonioni, Visconti, eram apaixonadamente discutidos. Em outros grupos de tertúlia reunia-se com Mário Sotto-Mayor Cardia, Fernando Varão, Octávio Quintela, Maria Teresa Bramão. No Café Roma, ao serão, estudava e dissertava sobre o futuro com Manuel Sérgio. Na crise académica de 1962, esteve do lado da liberdade.

Quando António Borges Coelho regressou aos estudos, após a sua saída do Forte de Peniche, estabeleceu-se entre os dois uma forte e duradoura amizade, para toda a vida. Estudaram e trabalharam longamente em comum. Por convite do editor João Espadinha, da Editorial Presença, ambos integraram a equipa que traduziu a *História da Filosofia*, de Abbagnano. Com ele discutia a filosofia de Leibniz, Espinosa e David Hume. Falavam e discutiam longamente sobre Portugal, sempre respeitando e salvaguardando a liberdade absoluta de pensamento de cada um.

Manuel Patrício acabou por regressar ao seu Alentejo e integrou a carreira do ensino liceal no 4.º grupo B de Filosofia, mais tarde o 10.º grupo B. Em Fevereiro de 1967 iniciou funções no Liceu Nacional de Évora, como professor eventual. Nesse Liceu realizou o seu estágio pedagógico, em 1971-1972, tendo como orientadora local Maria Beatriz Serpa Branco e como orientadora nacional Maria Luísa Guerra, grandes amigos para a vida.

No Liceu Nacional de Évora foi Director do jornal escolar *O Corvo*, editando dois números por ano, a 1 de Dezembro e a 10 de Junho. Nele publicou diversos artigos, nomeadamente sobre Vergílio Ferreira, José Régio, Cónego José Filipe Mendeiros ou Alberto Miranda, este último seu colega no Liceu, a quem dedicava uma profunda admiração e comovente amizade. Fazendo jus à inspiração grega e socrática colaborou na edição da colecção de poesia de nome *Daimon*, com alguns colegas do Liceu, como Albano Martins, Fernando J. B. Martinho e Maria Beatriz Serpa Branco.

Ainda no Liceu Nacional de Évora foi, desde 1967, Maestro da Tuna Académica e Maestro do Pequeno Conjunto de Câmara, que fundou em 1968, actividades que assegurou regularmente até 1972.

Em 1972 realizou o Exame de Estado para o Ensino Liceal no Liceu Central de Camões, em Lisboa.

No ano lectivo seguinte, 1972-1973, assumiu o cargo de Vice-Reitor da secção liceal de Estremoz do Liceu Nacional de Évora. Nessa vila alentejana deixou uma marca indelével, desde logo porque foi Maestro do Orfeão de Estremoz Thomaz Alcaide, cujo palco de actuação cobria todo o país. Após a sua saída de Estremoz manteve-se como Maestro do Orfeão até final de 1984. No salão nobre da Câmara Municipal proferiu algumas conferências sobre música e compositores clássicos. Em Estremoz bebeu a inspiração legada por Sebastião da Gama, aí conheceu e ficou amigo de amigos comuns: Joaquim Vermelho, Armando Carmelo, Luzia Margalho e António Telmo.

Esperava-o, então, a recém-criada Escola Secundária de Redondo, que instalou e onde foi Director entre Outubro de 1973 e Janeiro de 1975. A dinâmica e a criatividade comunitárias que ansiava introduzir também na escola levaram-no à criação do *jornal escolar π* (título relacionado com o nome da terra), uma realização pedagogicamente inesquecível.

No ano lectivo seguinte, em 1974-1975 aceitou a nomeação de uma comissão de serviço na Escola do Magistério Primário de Évora, para leccionar a disciplina de Pedagogia. Em Novembro de 1975 veio a efectivar-se na Escola Secundária de Elvas.

Porém, a 27 de Abril de 1976 regressou a Évora para exercer funções como assistente convidado no Instituto Universitário de Évora, instituição que daria origem, em Dezembro de 1979, à actual Universidade de Évora, correspondendo ao segundo período histórico da sua existência. Coube a Ário Lobo de Azevedo, como seu primeiro Reitor, dirigir os momentos fundacionais da futura Universidade e Manuel Patrício aceita acompanhá-lo nessa missão, assumindo o cargo de responsável pela Divisão/Departamento de Pedagogia e Educação da Universidade de Évora, estrutura que instalou, organizou e dirigiu entre 1976 e 1993.

Esta foi uma fase particularmente intensa da sua vida profissional, atendendo à actividade concepcional, organizacional e lectiva, desenvolvida por Manuel Patrício no âmbito das Licenciaturas em Ensino, criadas em 1978, com repercussão nacional.

A carreira académica passou então a ser assumida com particular intensidade e, nesse contexto, o doutoramento era a sua primeira meta. Em Outubro de 1983 dá por concluída a sua dissertação de Doutoramento sob o título *A pedagogia de Leonardo Coimbra. Teoria e Prática*, um estudo que visava apreender e compreender a totalidade do pensamento filosófico e pedagógico daquele que o autor considera ser “*um pensador grande e um pedagogo excepcional*”.

Na tese de Doutoramento teve a felicidade de contar com dois ex-docentes da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa como seus orientadores: primeiro, o Professor Doutor Padre Manuel Antunes, que não concluiu a sua função de orientador devido ao agravamento do seu estado de saúde; depois, o Professor Doutor Francisco da Gama Caeiro, que aceitou a substituição com agrado e dedicação pessoal.

Em Julho de 1984, defendeu a tese de Doutoramento em Ciências da Educação, especialidade de Filosofia da Educação, na Universidade de Évora.

Este foi um período extenuante para Manuel Ferreira Patrício, que teve de apelar ao seu enorme sentido de responsabilidade e à sua grande capacidade de trabalho, uma vez que as condições de que dispôs para investigar, pensar e escrever a sua longa tese não foram de todo fáceis. Foi nesta mesma altura que conseguiu suportar o pesado encargo de manter durante dezassete anos, após o falecimento do pai, a serração de madeiras, empresa de suporte familiar, sediada em Montargil.

O Professor recordou a dureza desses tempos, quando nos agradecimentos da tese refere que “não pôde ser dispensado do desempenho das tarefas de orientação do seu departamento; teve sempre uma carga docente particularmente pesada; cumpriu-lhe orientar por todo esse período o Projecto [Luso-Sueco] de Educação de Adultos, da Universidade [neste contexto, ainda se deslocou oficialmente às Universidades de Linköping e de Estocolmo, na Suécia]; foi durante o mesmo período que se realizaram 5 Cursos de Formação Contínua de Professores do Ensino Primário; nunca regateou esforços no quadro mais amplo da própria Universidade, todas as vezes que estes lhe foram pedidos”.

Em Abril de 1983, Manuel Patrício fundou o CORUÉ – Coro da Universidade de Évora, com um conjunto de estudantes da academia eborense. Foi seu Director artístico e Maestro até Janeiro de 1987, altura em que assume o cargo de primeiro Presidente do IIE-Instituto de Inovação Educacional, no Ministério da Educação, em Lisboa. O CORUÉ, pela mão de João Vitor Santos viria a atribuir-lhe o título de Membro Honorário, a 30 de Abril de 2011, distinguindo o seu papel como fundador e maestro.

No princípio dos anos 80 foi também nomeado pelo Ministro da Educação, José Augusto Seabra, Coordenador da Comissão Regional do Alentejo para o Ensino Técnico-Profissional.

Em 1984 passou a Professor Auxiliar e em 1986 ascendeu a Professor Associado da Universidade de Évora e tornou-se o responsável pelo Departamento de Pedagogia e Educação. Nessa altura, em simultâneo é membro da Comissão Coordenadora para Instalação do CIFOP – Centro Integrado de Formação de Professores; membro do Senado, da Assembleia da Universidade e do Conselho Científico. É ainda escolhido para membro e posteriormente eleito Presidente do Conselho Científico da Escola Superior de Educação de Beja e para membro do Conselho Consultivo do IIEP-Instituto de Emprego e da Formação Profissional, Delegação do Alentejo.

A 18 de Março de 1986, Manuel Patrício tomou posse como membro da Comissão de Reforma do Sistema Educativo (CRSE), integrando o conjunto de 12 personalidades de reconhecido mérito da área da Educação, aos quais competia promover a reorganização do sistema educativo português. Em pouco mais de 2 anos teriam de preparar os trabalhos, iniciar os estudos, elaborar programas de aplicação e proceder ao acompanhamento da sua execução, após superior aprovação do Governo. A entrada de Portugal na então CEE-Comunidade Económica Europeia, em Janeiro de 1986, implicava um novo enquadramento legal e todo um novo rumo para a educação e para o País.

No quadro da reestruturação dos serviços do Ministério da Educação e Cultura ocorrida em Janeiro de 1987 tinha sido criado o IIE-Instituto de Inovação Educacional, enquadrado como serviço central de coordenação de investigação e desenvolvimento na área da educação. Manuel Ferreira Patrício assume o cargo de primeiro Presidente do IIE, lugar que ocupou desde Maio de 1987 até Janeiro de 1990.

Como Presidente do IIE, Manuel Patrício desempenhou um papel crucial no universo do sistema educativo português, quer no que respeita à constituição e coordenação da comunidade científico-educacional, quer ao nível da concepção de projectos, métodos e técnicas de inovação pedagógica, equipamentos e material didáctico, desenvolvimento curricular, formação de professores e inovação e investigação educacionais.

No âmbito do IIE, foi fundador e Director da *Revista Inovação*, durante os anos de 1988 e 1989; foi Director da Revista *Noesis*, cuja 2.ª série foi publicada no ano de 1989; organizou 2 Encontros Anuais de Escolas Culturais, em 1988 e em 1989; planeou e realizou 2 Encontros Nacionais sobre Formação de Professores; co-organizou 1 Colóquio sob a égide do Conselho da Europa.

O IIE era a instituição-suporte da reforma educativa e a estrutura adequada a realizar as exigências da Lei de Bases do Sistema Educativo, publicada em Outubro de 1986, e da própria CRSE, cuja Proposta Global de Reforma (PGR) seria apresentada em Julho de 1988.

Uma das ideias-chave da reforma educativa era a de que a Escola seria o núcleo da reforma, sendo essencial a recusa do modelo unidimensional até então vigente. À cabeça de todos os programas, a PGR da CRSE apresentava o programa de execução A1 “*Institucionalização de um modelo de escola pluridimensional*”. Este programa viria a ficar conhecido apenas por *Escola Cultural*. A conceptualização teórica (filosofia subjacente) e prática (organização pedagógica) deste paradigma de Escola coube exclusivamente à capacidade criadora e inovadora de Manuel Ferreira Patrício, que ficaria inelutavelmente ligado a ele, primeiro como seu mentor e, depois, como defensor do modelo de escola axiológica, na perspectiva de que a Escola é de uma importância vital para o progresso da comunidade e para o desenvolvimento das pessoas e um instrumento fundamental de aprendizagem e de acumulação do saber e do ser.

O *Projecto Escola Cultural* foi lançado no ano lectivo de 1987/88, em 21 escolas do País, compreendendo desde o ensino primário ao secundário, tanto do ensino público como do particular e cooperativo. No ano seguinte, em 1988/89, o projecto alargou-se a 44 escolas e em 1989/90 a 77 escolas do continente. Embora os resultados fossem reconhecidamente um êxito, o projecto não teve continuidade nos anos seguintes, por razões políticas inexplicáveis.

Assim, no início do mês de Janeiro de 1990, Manuel Ferreira Patrício regressa à Universidade de Évora, voltando à direcção do Departamento de Pedagogia e Educação, onde se sentia no seu ambiente preferido, longe da exposição mediática, que não lhe agradava sobremaneira.

No sentido de garantir continuidade à dinâmica que estava instalada nas escolas portuguesas, Manuel Patrício decide organizar o *Movimento da Escola Cultural*, tendo para o efeito fundado a *Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural* (AEPEC), em Março de 1990, sendo o Presidente da Direcção até ao fim da sua vida.

A fundação da AEPEC é, em si mesmo, um acto de intervenção cultural e cívico de Manuel Patrício, em prol da sociedade portuguesa, prosseguindo o seu projecto de ampla construção do futuro dos nossos jovens, da escola e de revitalização da educação em geral.

Na AEPEC, Manuel Patrício foi Presidente da Comissão Organizadora de cerca de 40 Colóquios do ciclo “*A escola cultural, escola do futuro*” (entre 1991 e 2001) e de 11 Congressos científico-pedagógicos (entre 1990 até 2008), sobre as mais variadas temáticas, em instituições nacionais de ensino superior, Universidades e Politécnicos. Fundou, editou e dirigiu diversas publicações: *Boletim AEPEC*, *Revista Escola Cultural*, *Cadernos Escola Cultural*. Foi também o organizador de diversos livros de Actas correspondentes aos congressos científico-pedagógicos realizados.

Em 1990 tornou-se Sócio Fundador e Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, na qual participou ao longo dos anos.

A par da actividade docente, Manuel Ferreira Patrício exerceu a função de Presidente do Conselho Pedagógico da Universidade de Évora, durante três anos, entre 1990-1993.

Em 1993 preparou e defendeu a Agregação em Teoria da Educação e em Axiologia Educacional, ascendendo ao patamar de Professor Catedrático da Universidade de Évora.

No período entre 1993 e 1996, Manuel Patrício aceita uma comissão de serviço a convite do Ministro, Fernando Couto dos Santos, para exercer o cargo de Director-Geral do Departamento do Ensino Superior (DESUP), do Ministério da Educação, em Lisboa.

Tendo como pano de fundo todo o ensino superior, universitário e politécnico, foi um dirigente respeitado pela reconhecida competência no exercício do cargo, onde teve oportunidade de deixar a sua marca, principalmente no decisivo enquadramento de um Plano visando o investimento na Formação Avançada do Pessoal Docente e, também, na nova formulação do enquadramento e valor das propinas do ensino superior.

Não fosse a sua capacidade organizacional e não teria sido possível fazer nada mais que exercer as funções de Director-Geral. Porém, tal não o impediu de frequentar, durante o ano letivo de 1994-1995, o selectivo e exigente Curso de Auditores da Defesa Nacional, ministrado pelo Instituto da Defesa Nacional. O compromisso com o País, o sentimento e o exercício da nacionalidade eram as suas motivações maiores.

Nesta época, participou activamente no Conselho Nacional de Educação, como membro cooptado. Foi também membro do Conselho Coordenador da Formação Contínua de Professores, por delegação do respectivo Secretário de Estado e, ainda, membro por inerência do Conselho Geral da JNICT – Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

Em 1996 é eleito Presidente da *Marânus – Associação para a Divulgação da Vida e Obra de Teixeira de Pascoaes* –, desempenho que cumpriu durante muitos anos, em cuja eleição na altura se empenhou pessoalmente D. Maria José Teixeira de Vasconcelos, sobrinha-neta de Pascoaes e sua secretária pessoal durante 23 anos.

Em 2001 anunciou a disponibilidade para o exercício do cargo de Reitor da sua Universidade, com o propósito de dar o seu contributo em prol de “*uma Universidade de Excelência*”, consciente da importância da instituição em todo o Alentejo e fulcral para o desenvolvimento da região, sem descurar o contexto europeu e a cooperação com o mundo lusófono. Nas eleições de Janeiro de 2002, Manuel Ferreira Patrício vence as eleições para Reitor da Universidade de Évora, tendo tomado posse a 4 de Março de 2002.

Manuel Patrício via a Universidade como instituição preferencialmente ordenada para a promoção da Cultura, ainda que sem descurar as funções de ensino, formação e investigação científica.

Lá organizou e promoveu o Congresso Nacional da Tradição Académica, com o envolvimento do Conselho de Notáveis da Universidade de Évora, em Junho de 2003, no qual participaram representantes de todas as Universidades portuguesas.

Logo no início de 2003 fundou o Grupo de Metais da Universidade de Évora, que passou a actuar em sessões académicas e que continua a dar os seus frutos e a ter a sua evolução. O apoio às Tunas Académicas e ao CORUÉ foi inequívoco, pois continuam a desenvolver a sua acção com grande dinamismo.

Igualmente com empenhamento pessoal cria e pensa uma nova publicação: a *REVUÉ* – Revista da Universidade de Évora, que publica o seu primeiro número em Novembro de 2004, com o intuito de divulgar “*um trabalho de recolha para a memória*” do que de melhor se vinha desenvolvendo na instituição e abrir os necessários espaços de pensamento e de criação. Seria seu Director, desde 2004 até ao final do seu mandato.

De realçar ainda que como Reitor da Universidade de Évora propôs e atribuiu a outorga do grau de *Doutor Honoris Causa de Sua Alteza o Aga Khan*, cuja cerimónia teve lugar no dia 12.Fev.2006, seguida do Simpósio Internacional “Sociedade Cosmopolita, segurança e direitos humanos. Em sociedades pluralistas e pacíficas”, evento por ele idealizado e realizado com o Alto Patrocínio de Sua. Exa. o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, que marcou presença todo o dia.

Aposentado em Março de 2006, Manuel Ferreira Patrício tomou a iniciativa de fundar o Coro de Câmara de Montargil, oferecendo à Associação Nova Cultura de Montargil a sua integração no conjunto de projectos da mesma, no final de Outubro de 2008. O Coro fez a sua estreia na noite de Natal desse ano, na Igreja Matriz de Montargil. Desenvolvendo a sua actividade com regularidade desde então, o Coro veio a inovar na construção do repertório, preparação e organização de concertos. Na Páscoa de 2011, apresentou um concerto na Academia das Ciências de Lisboa e, em Junho do mesmo ano, um outro na Universidade de Évora. Tendo 7 elementos na constituição inicial, o Coro chegou a contar com mais de quatro dezenas de membros da comunidade de Montargil, com idades compreendidas entre os 7 e os 80 anos.

Foi Sócio honorário do MIL - Movimento Internacional Lusófono, desde 2007.

Foi Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, desde 2007.

Foi Sócio correspondente da Academia Portuguesa da História de Lisboa, desde 2008.

Toda a sua vasta actividade pedagógica se inscreveu no espírito “*demopaidêutico*”, que desde sempre animou a sua vida como professor. Durante mais de quarenta anos, Manuel Patrício foi professor de todos os graus de ensino, do ensino primário ao ensino superior.

Na Universidade, leccionou um vasto leque de disciplinas: na área da Educação, no âmbito das Licenciaturas em Ensino (*Teoria da Educação, Pedagogia Sistemática, História da Pedagogia e da Educação, Didáctica Geral, Técnicas de Animação, Axiologia Educacional*); na área de Filosofia, no Curso de Licenciatura em Filosofia (*Introdução à Filosofia, Mundividências Científicas Contemporâneas, Lógica Formal, Teoria do Conhecimento, Ontologia, Antropologia Filosófica, Filosofia da Educação*); nas áreas da Pedagogia e da Filosofia em Cursos de Mestrado, da sua própria Universidade e da Universidade Aberta.

Como orientador de dissertações de Doutoramento e de Mestrado, na sua e em diversas Universidades, Manuel Patrício participou em numerosos júris académicos, nos vários escalões da carreira e em praticamente todas as Universidades do país.

Proferiu centenas de conferências sobre vários temas nas áreas da Educação, Pedagogia, Filosofia e Cultura, em contextos científicos e institucionais, no país e no estrangeiro.

Publicou várias dezenas de livros, dos quais se destacam: *Leonardo Coimbra e Teilhard de Chardin* (1981); *Teoria da Educação* (1983); *Anotações Didácticas sobre a Educação Nova* (1983); *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea - I* (1984); *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea - II* (1985); *A Disciplina de Teoria da Educação* (1986); *A Escola Cultural, Horizonte Decisivo da Reforma Educativa* (1990); *A Formação de Professores à luz da Lei de Bases do Sistema Educativo* (1990); *Lições de Filosofia da Educação* (1991); *A Pedagogia de Leonardo Coimbra, Teoria e Prática* (1992); *Lições de Axiologia Educacional* (1993); *O Messianismo de Teixeira de*

Pascoaes e a Educação dos Portugueses (1996); *Conhecimento do Mundo Social e da Vida. Passos para uma Pedagogia da Sagesa* (2004); *No Labirinto Messiânico de Fernando Pessoa* (2012).

Organizou vários volumes de Actas no âmbito da AEPEC: *Educação Pluridimensional e Escola Cultural* (1990); *A Escola Cultural e os Valores* (1997); *Formar Professores para a Escola Cultural no Horizonte dos Anos 2000* (1997); *Escola, Aprendizagem e Criatividade* (2001); *Globalização e Diversidade: a Escola Cultural uma Resposta* (2002); *Educação e Formação Profissional. As Perspectivas da Escola Cultural* (2006).

Parte significativa da produção literária encontra-se em revistas científicas da especialidade: *Inovação*; *Noesis*; *Revista Portuguesa de Filosofia*; *Brotéria*; *Philosophica*; *Revista Portuguesa de Pedagogia*; *Revista de Educação*; *Revista Portuguesa de Educação*; *Escola Cultural*; *Revue*.

Teve colaboração inserta no Vol. IV, Tomo II, da *História do Pensamento Português*, obra dirigida por Pedro Calafate, Editorial Caminho; e sobre a Educação Portuguesa no Período da I República, na *História Contemporânea de Portugal*, obra dirigida por António Reis, Editora Alfa. É colaborador do *Dicionário de Filosofia da Educação*, obra coordenada por Adalberto Dias de Carvalho.

Publicou regularmente em jornais nacionais e regionais: *Diário Popular*; *Diário de Notícias*; *Jornal de Notícias*; *Expresso*; *JL-Jornal de Letras, Artes e Ideias*; *Diário do Sul*; *A Defesa*.

Manteve uma actividade regular nas seguintes instituições: membro do Bureau Internacional da Association Internationale des Professeurs de Philosophie; membro do Conselho Editorial da *Imprensa Nacional – Casa da Moeda*; colaborador da *Nova Águia*, Revista de Cultura para o Século XXI, no âmbito do MIL – Movimento Internacional Lusófono; membro do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira; membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa; membro do Centro de Estudos em Filosofia da Universidade Católica de Lisboa; membro do Centro de Estudos do Pensamento Português da Universidade Católica do Porto; sócio fundador da SOFELP – Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa; investigador do Gabinete de Filosofia da Educação do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto; Académico Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

No dia 10 de Junho de 2012, na Sessão Solene Comemorativa do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique por Sua Exa. o Presidente da República, Professor Aníbal Cavaco Silva, devido aos seus serviços relevantes ao País, expansão da cultura portuguesa história e seus valores.

Em 2013, a Universidade do Porto atribuiu ao Professor Manuel Patrício o grau de *Doutor Honoris Causa*, pelos serviços académicos prestados àquela instituição.

Desde 2013 que é Patrono do Agrupamento de Escolas n.º 1 de Évora, que passou a ser designado por Agrupamento de Escolas Manuel Ferreira Patrício.

O Professor Manuel Patrício foi o 1.º Director Pedagógico do Centro Educativo Alice Nabeiro, a convite do Conselho de Administração da Associação de Solidariedade Social Coração Delta, de Campo Maior, que cumpriu com a maior devoção e entrega, desde a sua criação em 2007 até ao fim da sua vida, em 2021.

Manuel Ferreira Patrício faleceu no Hospital de Elvas no dia 11 de Setembro de 2021.